

# Introdução

A 17 de Junho de 1871, começaram a aparecer, nas bancas de Lisboa, uns opúsculos de capa alaranjada, decorados com o diabo Asmodeus – o génio impuro de que falam as Escrituras – ostentando o título *As Farpas*<sup>1</sup>. Na vertical, figurava o nome de Eça de Queiroz e, na horizontal, o de Ramalho Ortigão. Os caderninhos, cujo subtítulo era *Crónica Mensal da Política, das Letras e dos Costumes*, tinham cerca de 100 páginas. Eram uma obra colectiva: exceptuando duas cartas assinadas, os restantes artigos apareciam na primeira pessoa do plural. Durante os primeiros anos, a totalidade dos artigos foi redigida por Eça<sup>2</sup>. A sua colaboração terminaria no número de Setembro-Outubro de 1872, quando partiu, como cônsul, para as Antilhas espanholas: a de Ramalho estender-se-ia ao longo de onze anos<sup>3</sup>.

Em 1886, Ramalho decidiu republicar, em livro, estes opúsculos. Para o efeito, contactou o editor Corazzi, que aceitou a sugestão. A sua ideia era a de que os mesmos

---

<sup>1</sup> O número surge com a data de Maio, embora só tenha saído mais tarde.

<sup>2</sup> Note-se que alguns dos parágrafos identificados a cor cinza nos sumários da presente edição são de Ramalho. Os textos que Eça aproveitou em *A Campanha Alegre* aparecem identificados, mas os que ele decidiu não incorporar surgem frequentemente misturados com os daquele. Quanto aos escritos de Ramalho, dividem-se em dois grupos: os que ele coligiu sob o título *As Farpas*, em volumes publicados em vida pelo editor David Corazzi (1887-1890); e os outros, que suscitam problemas. Alguns dos originais não foram seleccionados, sendo, neste caso, a atribuição da autoria uma tarefa complexa que esperamos possa vir a ser empreendida pela equipa cuja missão é a organização da edição crítica completa das obras de Eça. A editora Clássica, que, entre 1942 e 1944, republicou, igualmente por temas, os 11 volumes de Ramalho, decidiu editar, entre 1945 e 1946, as *Farpas* que ele deixara de lado, tendo incluído, nos seus volumes XII e XIII, *As Farpas* de 1871 e 1872, sem que a autoria do organizador ou o critério utilizado sejam aparentes, pelo que se não pode usar estes volumes como guia para a atribuição dos artigos. Finalmente, é bom salientar que a presente obra se não pretende uma edição crítica, mas a divulgação do texto integral de *As Farpas* produzido no período em que Eça nele colaborou, ou seja, tal como os leitores contemporâneos o leram.

<sup>3</sup> Embora tenha sempre mantido o nome do amigo na capa, Ramalho Ortigão publicará sozinho *As Farpas* até 1882.

deveriam sair por ordem numérica, com os seus onze volumes à cabeça, seguindo-se, depois, os de Eça. Mas este não concordou. Em carta de 24 de Outubro de 1890, tentava explicar-lhe, na parte em que eram explicáveis, as suas razões: «O título de *As Farpas* é seu, é o que você deu à totalidade da sua obra, na qual eu não entrei, nem colaborei. Se, a um livro meu, feito da minha colaboração, eu dou também o título «Farpas», faço dele uma continuação, um suplemento do seu. Sobre isto, não pode haver duas opiniões»<sup>4</sup>. Ramalho comunicou-lhe que a sugestão de duas obras diferentes não convinha ao editor, mas o argumento não impressionou Eça. Este queria um livro seu, com um título diverso – *Uma Campanha Alegre* – e tempo necessário para rever as provas<sup>5</sup>. Acabou por vencer.

Quando Eça dizia a Ramalho que *As Farpas* dele mais não eram do que «uma colecção de pilhérias envelhecidas» é evidente que o não pensava. O que ele não queria era ver os seus textos colados aos de Ramalho. As discussões entre eles continuaram, com o último, que já terminara a edição dos fascículos, a fazer pressão para que o amigo se não atrasasse. Este não lhe prestou atenção, continuando a rever tudo vagarosamente.

Dos pontos de vista quer estilístico, quer substantivo, alterou bastantes coisas. A 7 de Novembro, enviava, por fim, os textos, acrescidos de um prólogo. Na carta que escreveu a Ramalho, dizia-lhe: «Das *Farpas*, verá que fui forçado a limpar, catar e endireitar muito o estilo. Você nasceu com um estilo já feito e escrevia tão bem há vinte anos como escreve hoje; daí o poder reimprimir os seus artigos sem lhes tocar. Eu tive de fazer o meu estilo à custa de esforços e *tâtonnements*. No tempo das *Farpas* estava ainda no período bárbaro da forma. Não era possível, decentemente, deixar aparecer ao público páginas assim desalinhas e por vezes despidas da própria gramática. Tive de refazer uma *toilette* a cada artigo. Mas nem só uma só frase foi alterada na sua intenção ou no seu feitio de *humour*». Mentira: nem Eça considerava Ramalho um escritor superior, nem resistira a introduzir coisas e a cortar outras. É por isso que a presente edição, a original, se justifica. Além da existência de textos que vale a pena ressuscitar, a leitura da obra, hoje raríssima, ajuda-nos a entender a evolução do pensamento de Eça.

O primeiro número de *As Farpas* esgotou-se rapidamente. A tiragem, à volta dos 2000 exemplares, foi crescendo durante os primeiros tempos<sup>6</sup>. Não era um número

---

<sup>4</sup> G. de Castilho (org.), *Eça de Queiroz – Correspondência*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1983, vol. II, págs. 141-143.

<sup>5</sup> A actual edição de *Uma Campanha Alegre*, da Lello, é uma vergonha. As datas estão erradas, os títulos não são os correctos e a ordem da sequência aparece alterada. Infelizmente, na recente edição de *Eça de Queiroz – Obra Completa* (uma obra geralmente muito cuidada), Beatriz Berrini apenas incluiu, como apêndice a *Uma Campanha Alegre*, dois excertos de *As Farpas* originais, os referentes ao «brasileiro» e o que se debruça sobre o episódio do concurso diplomático. Ver B. Berrini, *Eça de Queiroz – Obra Completa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2000, vol. III.

<sup>6</sup> J. Medina, «O “Riso Que Peleja”: *As Farpas* de Eça de Queiroz (1871/72)», *Revista da Faculdade de Letras*, 19/20, 1995/6. Em 1885, para assinalar a reedição, em volume, de *As Farpas*, o editor Corazzi fala numa tiragem de 2500, mas o próprio Eça (em «Notas Contemporâneas», *Obras de Eça de Queiroz*, Porto, Lello, s. d., vol. II, pág. 1384) menciona que os opúsculos teriam 2000 assinantes. A título compa-

espectacular, o que não impediu a sua influência de ser considerável. A publicação surgiu na vigência do 33.<sup>o</sup> Governo Constitucional, presidido por Ávila. Era um momento de crise. A guerra do Paraguai (1864-1870) interrompera a remessa da poupança dos emigrantes, uma fonte essencial para a economia e as finanças do País. A cotação dos fundos públicos havia descido, as exportações diminuído e a dívida flutuante aumentado. À crise económica, sobrepunha-se todavia a crise política. Incapazes de resolver os problemas, os Governos sucediam-se a um ritmo vertiginoso. Só a 5 de Março de 1871, Fontes Pereira de Melo, o indivíduo que viria a dar alguma estabilidade ao regime, ascenderia ao poder. Se a situação nacional era má, a internacional não era melhor. Em Setembro de 1868, a rainha Isabel II, de Espanha, fora deposta, tendo sido escolhido um príncipe estrangeiro, Amadeu de Sabóia, para ocupar o trono espanhol. Em Paris, entre Março e Maio de 1871, viveram-se os dias sangrentos da Comuna. Em Itália, a confusão era total. Em 1870, o Papa declarara-se prisioneiro no Vaticano, tendo afirmado, para escândalo dos livre-pensadores, a tese da sua infalibilidade.

Eça tinha então 26 anos, uma idade em que é normal ter ilusões: acreditava, por exemplo, que era possível mudar o País através do riso<sup>7</sup>. Tanto ele quanto Ramalho queriam usar o humor como forma de destruir o que consideravam instituições caducas, embora Eça tivesse desde sempre albergado reticências quanto ao pendor didáctico que o amigo desejava conferir à publicação<sup>8</sup>. Mas não foi apenas o zelo reformista que levou Eça até *As Farpas*, e sim, sobretudo, o desemprego.

Por esta altura, Eça tinha já decidido optar por uma carreira no estrangeiro. A única via que lhe estava aberta era a consular, dado que os embaixadores saíam geralmente da classe política. Dado que, para aceder a cônsul, era necessário possuir uma experiência de dois anos num posto administrativo, Eça procurou obter um lugar que não fosse demasiado desagradável, mas nada encontrou em Lisboa. A 21 de Julho de 1870, estando no poder o duque de Saldanha – e no Ministério do Reino Dias Ferreira, amigo de seu pai – foi nomeado administrador do concelho de Leiria. Inicialmente, fechou-se na pensão que habitava, limitando-se a observar, de manhã à noite, a fauna local.

Perto da capital, Leiria não era todavia um cárcere. Durante este período, por mais de uma vez Eça se deslocou a Lisboa. Logo em Setembro, sob o pretexto de que

---

rativo, *A Besta Esfolada*, a publicação editada pelo Pe. José Agostinho de Macedo, no início do século, chegou a ter 4000 assinantes. Ver J. Medina, *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote, 1984, pág. 414, nota 20.

<sup>7</sup> Diferente seria a sua atitude na década de 1890. Ver, por exemplo, o seu artigo «A Decadência do Riso», publicado, na *Gazeta de Notícias*, a 8.2.1892.

<sup>8</sup> Não querendo abrir fissuras na amizade, nada disse. Só o viria a confessar, quando, a pedido da revista *Renascença*, redigiu, em 1878, uma biografia do amigo. Contou então como ficara aterrado, quando Ramalho lhe comunicara querer aproveitar o público para lhe ensinar coisas: «Eu era, sou ainda, em filosofia, um turista facilmente cansado, em ciência um diletante de coxia. Converter a alegre catapultazinha numa austera cadeira de professor!... Fui prudentemente para Havana» (*A Renascença*, Fevereiro e Março de 1878).

tinha de se preparar para o concurso no Ministério dos Negócios Estrangeiros, deixou o concelho que administrava para se meter em casa de Batalha Reis, ao Bairro Alto. Foi então que prestou provas para cônsul, na sala do Corpo Diplomático, no Terreiro do Paço. A 1 de Outubro, o júri, presidido pelo ministro interino dos Negócios Estrangeiros, Carlos Bento da Silva, e composto pelo procurador da Coroa, Martens Ferrão, pelo juiz da Relação, Ferreira Novais, pelo secretário-geral do Ministério, António Nogueira, pelo director-geral das Contribuições, Gonçalves de Freitas e pelo director-geral dos Consulados, Nogueira Soares, classificou-o em primeiro lugar<sup>9</sup>. Mas uma coisa eram as regras, outra a realidade. A vaga na Baía que, em princípio, lhe estava destinada, acabou por ser atribuída a Manuel Saldanha da Gama, o qual dispunha de uma «cunha» fortíssima<sup>10</sup>. Apesar da sua classificação, Eça foi preterido. Não teve, por conseguinte, outra solução que não fosse regressar a Leiria.

Durante a segunda estada, passou a dar-se com as boas famílias locais. Tornou-se amigo do barão de Salgueiro; foi a caçadas aos coelhos; frequentou bailes. Teve então a sua primeira relação com uma senhora casada. Sofrendo do vazio mental que tantas vezes mencionará nos seus romances, a baronesa de Salgueiros apaixonou-se por ele. Eça acabou por ser expulso, aos pontapés, da casa do barão<sup>11</sup>. Sem o amor adúltero, era preciso inventar qualquer coisa para não dar em doido.

Em Maio de 1871, de novo se deslocou a Lisboa, a fim de participar nas «Conferências do Casino». Algumas semanas depois, o ministério de Ávila exonerava-o das suas funções. Eça ficou subitamente sem emprego. Durante uma conversa com Ramalho, veio-lhe a ideia de escreverem uns opúsculos semelhantes aos que A. Karr, sob o título de «Les Guêpes», editara, durante a Monarquia de Julho em França<sup>12</sup>. Tudo dependia do número de assinantes que conseguissem arranjar. As despesas eram poucas – a sede era a casa de Ramalho – mas, mesmo assim, havia que pagar a tipografia e a distribuição. Ramalho mexia-se melhor do que Eça nos meios literários, mas, por uma vez, este esforçou-se por ajudá-lo.

Começou por escrever a João Penha, seu condiscípulo em Coimbra. Em Junho de 1871, explicava-lhe o objectivo da nova publicação: «Jornal de luta, jornal mordente, cruel, incisivo, cortante e sobretudo jornal revolucionário». Não escondia o modelo: «São as *Guêpes*, de Karr, tratadas ao modo peninsular: mais fogo, mais vigor, mais violência e mais intenção. No estado em que se encontra o país, os homens inteligentes

---

<sup>9</sup> J. Calvet de Magalhães, *José Maria, a Vida Privada de Um Grande Escritor*, Lisboa, Bertrand, 1994, pág. 98.

<sup>10</sup> Manuel de Saldanha da Gama era filho do 7.º conde da Ponte. Nascera no Rio de Janeiro em 1820, onde a família, que acompanhara D. João VI, residia. A hipótese da «cunha» é portanto verosímil.

<sup>11</sup> J. Gaspar Simões, *Vida e Obra de Eça de Queirós*, Lisboa, Bertrand, 1980, pág. 272.

<sup>12</sup> Autor de romances menores, Alphonse Karr (1808-1890) tornara-se célebre pelos comentários cáusticos sobre as personalidades da cena literária parisiense. Ver Charles-Armand Klein, *Alphonse Karr, Prince de l'Esprit*, Paris, Le Cherche du Midi Editeur, 1994.

que têm em si a consciência da revolução – não devem instruí-lo, nem doutriná-lo, nem discutir com ele – devem *farpeá-lo*. As *Farpas* são pois o *trait*, a pilhéria, a ironia, o epigrama, o ferro em brasa, o chicote – postos ao serviço da revolução»<sup>13</sup>. Depois, escreveu a Manuel Emídio Garcia, docente na Universidade. Sendo para quem era, forçou ao máximo o carácter revolucionário da publicação: «As *Farpas* são um panfleto revolucionário, é a ironia e o espírito ao serviço da justiça. São o folhetim da Revolução. Compreendes logo o alcance desta publicação; o seu aparecimento é além disso importante: coincide com o aparecimento do espírito revolucionário em Lisboa. Aqui, meu caro Garcia, conspira-se, há clubes, projectam-se jornais, há muita excitação e bastante vontade. Não penses que é um movimento isolado de alguns espíritos mais esclarecidos: é uma intenção quase unânime e que se apoia no pequeno comércio e na classe operária»<sup>14</sup>. É nesta carta que Eça se declara membro da Internacional, uma mentira destinada a dispor favoravelmente Garcia em relação ao empreendimento.

No dia em que percebeu que, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, se sentava um homem culto, Andrade Corvo, Eça decidiu protestar contra a forma como fora afastado do concurso<sup>15</sup>. Segundo ele, uma alma caridosa ter-lhe-ia sussurrado ao ouvido que não havia sido apenas a «cunha» que impedira a sua colocação, mas também as suas convicções políticas. O ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, António José de Ávila, teria declarado não querer ver Eça na carreira consular, por ser o mesmo o chefe do Partido Republicano. Eça declarava-se habituado a surpresas, mas, confessava, nada de semelhante lhe tinha, até então, acontecido. Tudo lhe parecera incompreensível, até que alguém lhe dissera: «A sua conferência...». No espírito de Eça, ter-se-ia feito luz: afinal, não fora colocado no Brasil devido à palestra que proferira no Casino Lisbonense. Fazendo-se de ingénuo, prosseguia: «Mas eu não acreditava. Porque enfim eu na minha conferência condenara a arte pela arte, o romantismo, a arte sensual e idealista e apresentara a ideia de uma restauração literária, pela arte moral, pelo realismo, pela arte experimental e racional». Ora, interrogava-se, seria isto que o tornava um inimigo da Ordem? Aproveitava a ocasião para explicar que a sua posição era muito diferente da que lhe era atribuída: «Não, eu não sou esse homem misterioso e terrível que todas as noites, das sete às onze, como o governo supõe, fere ao golpe duma retórica afiada, o tronco [...] do pessegueiro constitucional. [...] Não, eu não sou esse homem. Não o sou, porque não tenho paciência para ser agitador; porque não tenho tempo; porque nos clubes há falta de ar; porque detesto os clubes, essa bastardia grotesca da decadência parlamentar [...] porque não sou jacobino...». Se, confessava, os seus amigos, Batalha Reis e Antero de Quental, tivessem formado um clube, ele tê-lo-ia frequentado, mas o facto é que não o tinham feito. Um, Antero,

---

<sup>13</sup> G. de Castilho (org.), *Eça de Queiroz – Correspondência, op. cit.*, vol. 1, pág. 63.

<sup>14</sup> *Ibidem*, pág. 61.

<sup>15</sup> *As Farpas*, 1.<sup>a</sup> edição, 2 vols., págs. 3-21.

estava tranquilamente no Porto, a filosofar; o outro, Batalha Reis, andava a fabricar vinhos para os lados de Torres Vedras. Assim, declarava, nada podia estar mais longe da verdade do que as suas credenciais revolucionárias<sup>16</sup>.

Isto só parcialmente era verdade. É um facto que Eça jamais se interessou por uma carreira política, muito menos revolucionária. Mas participara, ao lado de gente mais radical do que ele, nas «Conferências do Casino»<sup>17</sup>. Ao escrever este artigo, preferiu esquecer os encontros de Batalha Reis e Antero de Quental, num barco no meio do Tejo, com os representantes espanhóis da I Internacional, facto que certamente era do seu conhecimento.

*As Farpas* marcaram uma época. O que não nos deve admirar, dada a sua originalidade. Contudo, mesmo tendo em conta apenas os artigos que Eça escreveu, nota-se um certo desequilíbrio. Alguns artigos resistem ao tempo de forma sublime, mas outros são de uma grosseria infantil. De longe, o mais importante é o primeiro<sup>18</sup>. Nele, Eça explicava o motivo pelo qual ambos se tinham decidido a publicar os opúsculos: «Nós não quisemos ser cúmplices na indiferença universal. E aqui começamos, serenamente, sem injustiça e sem cólera, a apontar dia por dia o que poderíamos chamar o progresso da decadência». Anunciava que o faziam com «a jovialidade fina de humoristas», pois nada mais seria capaz de acordar as consciências dos Portugueses: «Vamos rir, pois. O riso é uma filosofia. Muitas vezes o riso é uma salvação. E em política constitucional, pelo menos, o riso é uma opinião». Por detrás da sátira, estava o moralista: «Não sabemos se a mão que vamos abrir está ou não cheia de verdades. Sabemos que está cheia de negativas». Denunciava, em seguida, a hipocrisia subjacente ao edifício político: «Aqui está esta pobre Carta Constitucional que declara com ingenuidade que o País é católico e monárquico. É por isso talvez que ninguém crê na religião e que ninguém crê na realeza».

O inimigo principal de *As Farpas* eram os políticos. Eça repetia aqui muitas das ideias que já exprimira em *O Distrito de Évora*: «O corpo legislativo há muitos anos que não legisla. Criado pela intriga, pela pressão administrativa, pela presença de quatro soldados e um senhor alferes, e pelo eleitor a 500 reis, vem apenas a ser uma assembleia muda, sonolenta, ignorante, abanando com a cabeça que sim». Também o Executivo, presidido por Ávila, estaria paralisado: «Não governa, não tem ideias, não tem sistema; nada reforma, nada estabelece; está ali, é o que basta». A conclusão era óbvia: «E assim se passa, defronte de um público enojado e indiferente, esta grande farsa que se chama a *intriga constitucional*. Os lustres estão acesos; o país distraído; nada tem de comum com o que se representa no palco; não se interessa pelos personagens e acha-os impuros e nulos». De forma retórica, Eça confessava a sua perplexidade perante a calma reinan-

---

<sup>16</sup> Este artigo, de Novembro de 1871, não seria integrado em *Uma Campanha Alegre*.

<sup>17</sup> Ver M. Filomena Mónica, «O Senhor Ávila e os Conferencistas do Casino», *Análise Social*, 157, Inverno de 2001.

<sup>18</sup> *As Farpas*, Maio de 1871.

te: «As árvores do Rossio enchem-se de folhas. Os fundos descem, e descem há tanto tempo, que devem estar no centro da terra. O povo, coitado, lá vai morrendo de fome como pode. Nós fazemos os nossos livrinhos. Deus faz a sua Primavera. Viva a Carta!».

Em seguida, analisava o estado da Literatura, tema sobre o qual proferiria, em breve, uma conferência no Casino Lisbonense: «A literatura – poesia e romance – espreguiça-se devagar, sem ideia, sem originalidade, bocejando, cheia de esterilidade, conservando o antigo hábito de ser vaidosa e costumando-se sem grande repugnância à sua nova missão de ser inútil». Eça retratava-a como um exercício dispensável, e aos seus praticantes como um grupo que aspirava sobretudo a um lugar nos ministérios. A sua opinião sobre a poesia não era melhor: «A poesia fala-nos de mulheres que são ainda Julieta, Virgínia, Elvira, novas, belas, interessantes criaturas no tempo em que Shakespeare se ajoelhava aos pés delas, em que Bernardim de Saint-Pierre lhes oferecia rapé da sua caixa de esmalte circundada de pérolas, em que Lamartine, embuçado na capa romântica de 1830 se passeava em gôndola nos lagos da Itália. Hoje são um ideal arqueológico, são um objecto de museu». Em resumo: «A poesia contemporânea é uma pequena colecção de pequeninas sensibilidades individuais».

O que se passava com o romance era, segundo ele, um escândalo maior: «O romance, esse, é a apoteose do adultério. Nada estuda, nada explica; não pinta caracteres, não desenha temperamentos, não analisa paixões. Não tem psicologia, nem drama, nem personagens. Júlia pálida, casada com António gordo, atira as algemas conjugais à cabeça do esposo e desmaia liricamente nos braços de Artur, desgrenhado e macilento. Para maior comoção do leitor sensível e para desculpa da esposa infiel, António trabalha, o que é uma vergonha burguesa, e Artur é vadio, o que é uma glória romântica». A visão do teatro era igualmente pessimista: «O teatro perdeu a sua ideia, a sua significação; perdeu até o seu fim. Vai-se ao teatro passar um pouco a noite, ver uma mulher que nos interessa, combinar um juro com o agiota, acompanhar uma senhora ou – quando há um drama bem dramático, bem pungente – para rir, como se lê um necrológio, para se ficar de bom humor. Não se vai assistir ao desenvolvimento de uma ideia; não se vai sequer assistir à acção dum sentimento»<sup>19</sup>.

Neste artigo, Eça chamava a atenção para o facto, triste, de os Portugueses não se poderem dar ao luxo de ter princípios: «Fomos outrora o povo do caldo da portaria, das procissões, da navalha e da taberna. Compreendeu-se que esta situação era um aviltamento da dignidade humana: fizemos muitas revoluções para sair dela. Ficámos exactamente em condições idênticas. O *caldo da portaria* não acabou. Não é já como outrora uma multidão pitoresca de mendigos, beatos, ciganos, ladrões, caceteiros, carrascos, que o vai buscar alegremente, ao meio-dia, cantando o *Bendito*; é uma

---

<sup>19</sup> Eça voltará ao tema do teatro, numa extensa crónica. Ver *As Farpas*, Dezembro de 1871, 1.ª edição. Esta crónica aparece reformulada como a crónica L de *A Campanha Alegre*, Porto, Lello, 1969, págs. 1124-1133. Nesta edição não vem datada.

classe inteira que vive dele, de chapéu alto e paletó. Este caldo é o Estado». Ainda se este fosse rico, talvez as coisas se compusessem. Não sendo esse o caso, logo surgia o abatimento geral: «Ora, como o Estado, pobre, paga tão pobrementemente que ninguém se pode libertar da sua tutela para ir para a indústria ou para o comércio, esta situação perpetua-se de pais a filhos como uma fatalidade». O resultado não podia ser mais confrangedor: «A pobreza geral produz um aviltamento na dignidade. Todos vivem na dependência: nunca temos por isso a atitude da nossa consciência, temos a atitude do nosso interesse». Os cérebros dos Portugueses estavam ociosos, o Passeio Público era um local lúgubre, os cafés eram soturnos. Nem esperança se podia ter de que algo viesse a modificar o País, uma vez que Portugal era uma «nação talhada para a conquista, para a tirania, para a ditadura e para os domínios clericais».

Um dos temas preferidos de Eça era a forma como decorriam as eleições. Vejamos o que diz sobre o acto eleitoral de Julho de 1871. Eça já não vivia então em Leiria, mas estivera ali durante a eleição de Setembro de 1870, tendo, pois, conhecimento directo do acontecimento. Eis o que publicou em *As Farpas*: «A Câmara estava muito quieta, comodamente sentada nas suas cadeiras, barbeada, sem desconfiança, esperando com grande gravidade cívica que o Governo manifestasse a sua ideia por um projecto, um relatório, um dito, um grito, uma carranca, um olhar! O Governo entrou, e, com um gesto palaciano e galhardo, fez evacuar a sala!». Depois, explicava como decorria o acto eleitoral: «Quando uma Câmara se fecha, o Governo *nomeia* outra. *Nomeia*, porque uma câmara não é *eleita* pelo povo, é *nomeada* pelo Governo». Após um longo percurso, através do labirinto de influentes, o Governo lá apresentava um candidato, cujo nome era então comunicado aos governadores civis. Estes chamavam os administradores do concelho, com quem travariam o seguinte diálogo: «Pelo seu círculo o Governo propõe fulano. Compromete-se a fazê-lo vencer?/ Farei as diligências.../ Nada de palavras equívocas. Ou a eleição certa para o governo ou a demissão para si». Teria Eça sido sujeito a estas pressões? Nesse caso, como terá reagido? Não temos resposta. Tudo o que sabemos é ter ficado com uma repugnância invencível pelo processo<sup>20</sup>.

O dia das eleições era realisticamente descrito: «Vem enfim o dia, o domingo desejado. Os regedores começam a chegar à frente das suas freguesias. Os homens vêm de cara lavada e os grandes colarinhos brancos destacam sobre as rugas queimadas da pele, sobre o engelhado do pescoço. [...] Há o vinho e bacalhau. Passam os copos em redor, os queixos mastigam e um grande rumor bestial acentua-se e *viva lá o seu compadre!* e à *saúde do nosso regedor!* e grandes risadas aqui e além uns empurrões, as conversas de negócio que continuam neste canto e umas poucas de pragas que estalam no outro e toda aquela multidão, um pouco avinhada, impaciente, aborrecida, com um cheiro enjoativo e um rumor de tamancos, espera que chegue a hora de dar o seu voto ao Governo, segundo os jornais de Lisboa, *livre, espontâneo e consciênte!*».

---

<sup>20</sup> *Idem*, Junho de 1871.



Eça nunca foi capaz de aceitar que, num país povoado por camponeses, o sistema teria de funcionar de forma diferente da que ele imaginava ocorrer em Inglaterra.

Se abordámos estes artigos com algum pormenor, foi por nos parecerem os mais importantes. Como o leitor verá, muitos outros temas foram tratados em *As Farpas*, quer relativamente aos assuntos do dia, como os missionários que andavam a vender relíquias, quer a aspectos estruturais da sociedade portuguesa, como o estado do Exército. As crónicas que mais nos surpreendem – embora, à época, a posição fosse menos original do que se pensa – são aquelas em que Eça advoga a venda das colónias<sup>21</sup>. Para Eça, não tendo o País uma Marinha decente, nem dinheiro para as desenvolver, nem uma administração digna desse nome, não fazia o menor sentido ter colónias: «Que prestígio, que razão tem a nossa tutela? Por consequência, sejamos vilmente agiotas, como compete a uma nação do século XIX [...] Vendamo-las. Sim, sim! Bem sabemos toda a sorte de frases ocas, a honra nacional, Afonso Henriques, Vasco da Gama, etc! Mas somos pobres: e que se diria dum fidalgo – quando os havia – que deixasse em redor dele seus filhos na miséria, na fome e na imundície, para não vender as salvas de prata que foram dos seus avós?». Embora pouco crente na viabilidade da sugestão, Eça não deixava de a colocar. Alguns meses depois, a propósito de um motim, falava na Índia<sup>22</sup>. Segundo ele, aquele tipo de revolta não constituía nenhum perigo, dado que, sob o sistema de castas, não havia possibilidade de se formar um grupo suficientemente ameaçador. Eça reconhecia que a Inglaterra poderia vir a cobiçar os territórios portugueses, mas, dado o ódio que os nativos albergavam pelos Ingleses, considerava os receios exagerados. A não ser como material para a oratória nacionalista, Eça não via nenhuma vantagem em manter Goa, Damão e Diu: «Se nós podemos vender a Índia aos ingleses, vendamo-la: o melhor melhoramento que podemos dar à Índia é o bom senso inglês».

*As Farpas* podem ter passado despercebidas a muita gente. Mas Pinheiro Chagas leu-as, de ponta a ponta. Aquele que viria a ser o mais fiel inimigo de Eça considerou que elas não podiam passar sem resposta. No *Diário de Notícias* de 15 de Janeiro de 1872, atacava Eça, a propósito do teatro. O tema era, obviamente, pretextual. O que ferira a sensibilidade do político havia sido o pessimismo corrosivo de Eça. Retoricamente, interrogava: «Como se pode estar triste em Portugal?». Tal facto, era, para ele, incompreensível: «Esta mania prende-se com a outra, da decadência das raças latinas. Que somos inferiores às raças germânicas é um facto adquirido para a ciência, que nós, os portugueses, somos os mais reles de todos os latinos, está-o a crítica pátria demonstrando». Tentando a ironia, Pinheiro Chagas declarava ter ficado tão deprimido ao ler o artigo de Eça que chegara a pensar no suicídio, mas que, em vez disso, optara por ler as obras de Bulhão Pato, A. F. de Castilho e Júlio Dinis, escritas «no tempo em

---

<sup>21</sup> *As Farpas*, Julho de 1871.

<sup>22</sup> *Idem*, Setembro de 1871.

que ainda não era moda termo-nos na conta da gente mais estúpida que Deus deitou ao mundo»<sup>23</sup>.

Eça não o deixou sem resposta: «Querem conhecer um cidadão absolutamente feliz? É o nosso humorístico amigo Pinheiro Chagas [...] *As Farpas* censuram a ineficácia da diplomacia? Como esqueceis o Indostão domado! *As Farpas* acusam o beatério imbecil? E o Indostão, um rico Indostão domado, desgraçadas? *As Farpas* condenam o procedimento da Câmara dos Deputados? Que ousais dizer, pois não domámos nós o Indostão? *As Farpas* revelam a desorganização literária? Que novo agravo – pois nem a recordação do Indostão que domámos!»<sup>24</sup>. Durante algum tempo, Eça divertiu-se com estas polémicas, mas sabia que elas o não satisfiziam. Queria, acima de tudo, ser um romancista<sup>25</sup>.

Pinheiro Chagas não foi o único a responder aos artigos de Eça. Também *O Diário Popular*, o periódico fundado por Mariano de Carvalho, e *O Partido Constituinte*, o jornal dominado por J. Dias Ferreira, mencionaram os opúsculos. O primeiro louvava a sua graça e o seu bom senso<sup>26</sup>. O segundo não só considerava louvável o seu objectivo, o qual seria «fustigar o desregramento da época», como argumentava serem os opúsculos originais. Apenas lhes encontrava um defeito, o serem demasiado pessimistas<sup>27</sup>. Como era usual, Camilo preferiu não tornar pública a sua opinião. Só em carta privada, de 10 de Abril de 1872, fez saber a António Feliciano de Castilho o que pensava: «Tenho lido com espanto, e até com lágrimas no coração, o que por aí se imprime contra o Imperador [do Brasil]. A garotice de *As Farpas* não tem sequer graça que lhe descontemos»<sup>28</sup>.

---

<sup>23</sup> Pinheiro Chagas assinará, no *Diário de Notícias*, quatro artigos, todos relacionados com as crónicas que Eça publicara: a 15.1.1872 (e não a 5.1.1872, como, por lapso, se refere na primeira edição de *As Farpas* e, subsequentemente, em todas as edições de *Uma Campanha Alegre*), a 22.1.1872, a 29.1.1872 e a 5.2.1872.

<sup>24</sup> *As Farpas*, Janeiro de 1872.

<sup>25</sup> É interessante notar a forma como muitas das ideias apresentadas nos artigos que Eça redigiu durante este período ressuscitarão na boca de algumas das suas personagens fictícias, o que não nos deve admirar, tendo em mente o que Eça escreveu, em carta a Teófilo Braga, sobre a ambição de pintar a sociedade portuguesa, «tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830». No essencial, as suas ideias alterar-se-iam pouco. Ver carta datada de 12.3.78, in Guilherme de Castilho (org.), *Eça de Queiroz – Correspondência, op. cit.*, 1983, pág. 135.

<sup>26</sup> Ver J. Medina, «O Riso Que Peleja»: *As Farpas*, de Eça de Queiroz, 1871/2», *op. cit.*

<sup>27</sup> J. Medina, *As Conferências do Casino, op. cit.*, págs. 396 e 414.

<sup>28</sup> Camilo Castelo Branco, *Cartas Dispersas*, Lisboa, Campo das Letras, 2002, pág. 120. Sobre os opúsculos relativos à visita do imperador do Brasil a Portugal, e a reacção, violenta, que suscitaram no Brasil, ver P. Cavalcanti, *Eça de Queiroz, Agitador no Brasil*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. Ver ainda o artigo de Eça, de Fevereiro de 1872, sobre «o brasileiro» – ou antes o seu estereótipo – o qual, na altura, foi visto como um ataque aos Brasileiros propriamente ditos. Apesar das cautelas tomadas – Eça afirmara explicitamente estar a transmitir a opinião corrente – o artigo foi mal recebido. Em *Uma Campanha Alegre*, Eça viria a transformar este texto, presume-se que para evitar novos equívocos. A propósito, é importante notar que, por razões ideológicas, na edição de 1927 (a primeira feita postumamente pela

Uma das críticas mais violentas viria de J. M. Vieira de Castro, um parlamentar famoso que, em Novembro de 1870, fora condenado por ter assassinado a mulher. Amigo pessoal de Ramalho, Vieira de Castro preferiu dirigir a sua ira contra Eça, o que, aliás, era justo, pois, melhor do que aquele, era este quem representava o novo tipo de jornalismo. Sob o pseudónimo de Samuel, tentou destruir Eça, cujo humor demolia tudo aquilo que tornara Vieira de Castro famoso. Apesar de Eça só lhe ter respondido indirectamente, ou seja, usando o pseudónimo, aquele continuou a insultá-lo, designando-o não só como um cortesão que adoptava poses aristocráticas, mas também como um tolo, incapaz de apreciar escritores da craveira de Herculano, Rebelo da Silva, Camilo e Júlio Dinis. Em *As Farpas* de Julho, Eça mencionava, sem o nomear, alguns «adversários tão respeitáveis quanto anónimos». Vieira de Castro voltaria à liça, para criticar a abstenção política de Eça, argumentando que, ao não tomar partido por nada, este estava, *ipso facto*, do lado do *establishment*<sup>29</sup>.

Mas talvez que a polémica mais dura, e certamente a mais desagradável, tenha sido a travada entre Eça e António Enes<sup>30</sup>. Depois de ter defendido, de forma pouco convincente, não ser o riso algo de subversivo, o futuro comissário régio em Moçambique acusou Eça de, no artigo que escrevera sobre Ávila, ter plagiado Alphonse Karr<sup>31</sup>. De facto, a fórmula adoptada por Eça era praticamente idêntica à que Karr usara para criticar o Executivo de Thiers. À época, *Les Guêpes* eram conhecidas em Portugal, pelo que, da parte de Eça, a publicação do artigo foi um gesto disparatado. Mesmo que invocasse que o seu texto apenas se inspirara em Karr, o que aliás não fez, as semelhanças eram demasiado fortes para que se pudesse libertar da acusação de plágio. Foi talvez esta a razão que o levou a não incluir, em *A Campanha Alegre*, os artigos contra Enes, aliás dos mais medíocres de *As Farpas*<sup>32</sup>.

Em 1872, Eça partia para Cuba, mas os Portugueses continuaram a discutir, durante anos, os méritos dos opúsculos. Em 1881, Fialho de Almeida louvava, em *O Contemporâneo*, o seu humor: «De colaboração, Eça e Ramalho encetaram então *As Farpas*, a fascículos mensais de cem páginas. *As Farpas* tinham como lema estas palavras – *Para baixo* – e como subsídio, de uma banda, um mundo de aleijões e grotescos e, da outra,

---

Lello), o filho mais velho de Eça decidiu retirar, além dos artigos que o pai já havia cortado, vários textos, entre os quais a «Pastoral a Um Bispo», «As Malas da Sra. Condessa de Teba» e «A Elegante Casa de Sabóia». Na segunda edição, da Lello, de 1933, o texto, tal como elaborado por Eça, foi restabelecido.

<sup>29</sup> V. Pulido Valente, *Glória*, Lisboa, Gótica, 2001.

<sup>30</sup> Ver *A Gazeta do Povo*, 29.6.71, 25.7.71, 26.7.71, 26.8.71, 27.8.71, 12.10.71 e 2.11.1871. O primeiro artigo de Enes vem reproduzido na colectânea organizada por Alberto Machado da Rosa, *Prosas Esquecidas*, vol. V, Lisboa, Presença, 1960. Ver ainda João Medina, *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote, 1989.

<sup>31</sup> Ver, na pág. 579, um fac-símile de *Les Guêpes*, de Abril de 1840.

<sup>32</sup> As críticas a Jaime Moniz, redigidas por Ramalho, foram também eliminadas.

o humor cáustico de dois cintilantes espíritos»<sup>33</sup>. O elogio era justo. Há muito que se praticava a sátira em Portugal, mas o tom de *As Farpas* era inédito<sup>34</sup>. Embora, ao longo dos anos, se tivessem publicado muitos panfletos, estes caracterizavam-se por uma graça pesada, populista, antiquada. *As Farpas* não retiram a sua força, como *A Besta Esfolada*, da nostalgia pela monarquia absoluta, mas da raiva sentida por uma nova geração diante da burguesia que se instalara no poder após a Regeneração de 1851.

Maria Filomena Mónica

### Bibliografia

- Almeida, José Valentim Fialho de, *Figuras de Destaque*, Clássica Editora, 1923
- Bruno, Sampaio, *A Geração Nova*, Porto, Lello, 1984
- Cal, Ernesto Guerra da, *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, Universidade de Coimbra, 1975-1984
- Castelo Branco, Camilo, *Cartas Dispersas*, Lisboa, Campo das Letras, 2002
- Castilho, Guilherme (org.), *Eça de Queiroz: Correspondência*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1983
- Cavalcanti, Paulo, *Eça de Queiroz, Agitador no Brasil*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d.
- Freyre, Gilberto, prefácio a *As Farpas de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1943
- Karr, Alphonse, *Les Guêpes*, 1839-1848
- Klein, Charles-Armand, *Alphonse Karr, Prince de l'Esprit*, Paris, Le Cherche Midi Éditeur, 1994
- Magalhães, José Calvet de, *José Maria, A Vida Privada de Um Grande Escritor*, Lisboa, Bertrand, 1994
- Medina, João, *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote, 1984
- Idem*, «As Farpas», in Matos, A. Campos (org.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, 1988
- Idem*, «O “Riso Que Peleja”: As Farpas de Eça de Queiroz (1871-1872)», *Revista da Faculdade de Letras*, 19-20, 1995/1996
- Mónica, Maria Filomena, «Os Fiéis Inimigos: Eça de Queirós e Pinheiro Chagas», *Análise Social*, Outono de 2001
- Idem*, «O Senhor Ávila e os Conferencistas do Casino», *Análise Social*, 157, Inverno de 2001
- Rebelo, Luís de Sousa, «Sátira, Época Moderna», *Dicionário de Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1985
- Rita, Annabela, *Eça de Queirós, Cronista: do Distrito de Évora (1867) às Farpas (1871-72)*, 1998.
- Rosa, Alberto Machado da (org.), *Prosas Esquecidas*, Lisboa, Presença, 1966
- Simões, João Gaspar, *Vida e Obra de Eça de Queirós*, Lisboa, Bertrand, 1980
- Valente, Vasco Pulido, *Glória*, Lisboa, Gótica, 2001

---

<sup>33</sup> O artigo está incluído na colectânea *Figuras de Destaque*, Clássica Editora, 1923, págs. 108-109.

<sup>34</sup> Ver a entrada «Sátira, Época Moderna», de Luís de Sousa Rebelo, em *Dicionário de Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1985.

# Nota Prévia

## sobre os critérios de apresentação do texto

### A transcrição

Como o leitor verá, optámos por transcrever literalmente o texto original de *As Farpas*, limitando-nos a actualizar a ortografia<sup>NE</sup> e a corrigir uma ou outra gralha tipográfica mais evidente<sup>1</sup>. Aspectos como a pontuação, a formatação (itálico ou redondo) ou as maiúsculas/minúsculas em início de palavra figuram por isso como na edição original, muito embora obedecendo a critérios diversos daqueles que hoje são comumente aceites. Tendo ainda em conta as diferenças entre a edição original de *As Farpas* e aquela que Eça publicou *a posteriori* sob o título *Uma Campanha Alegre*, os excertos dos sumários correspondentes às partes do texto que não constam desta última aparecem entre parêntesis rectos e a [cinza], ao invés de preto, na presente edição.

### As notas

No texto surgem dois tipos de notas de pé de página: identificadas por números, as notas do Autor constantes da edição original; identificadas por letras ordenadas alfabeticamente em cada página, as notas da nossa autoria que não digam respeito à «Tabela Onomástica».

### A «Tabela Onomástica»

Hesitámos bastante quanto ao tipo de contextualização dos muitos nomes de pessoas e lugares referidos no texto, mas acabámos por optar pela solução extensiva.

---

<sup>NE</sup> Ao texto original de *As Farpas* que se segue, aplicámos a norma ortográfica do novo Acordo Ortográfico de 1991, ao contrário do que sucede com as partes desta publicação que não são da autoria de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, que o não seguem por vontade expressa da coordenadora desta edição.

<sup>1</sup> Agradecemos a ajuda preciosa da Dra. Maria Isabel Soares no cotejo do texto.

Corremos assim o risco de sobre nós acarretar epítetos desagradáveis. Mas, na presente conjuntura, em que, para citar apenas um exemplo, a mitologia clássica deixou de fazer parte dos currículos escolares, preferimos explicar quem era Júpiter do que deixar na ignorância alguns leitores.

Com efeito, embora esta obra se destine aos especialistas queirozianos, que, pela primeira vez, poderão ter ao seu dispor a edição original de *As Farpas*, a eles não nos quisemos limitar. Gostaríamos que outros a lessem. E, entre esses, muitos serão os leitores, especialmente os jovens, que não possuem as referências, históricas e literárias, que a sua leitura exige. Só quem não tenha ensinado em tempos recentes pode imaginar que os alunos do ensino superior possuem a cultura necessária para usufruir plenamente da leitura de uma obra desta natureza. Mais vale explicar de mais do que de menos.

No entanto, não querendo sobrecarregar o texto com demasiadas notas de pé de página, optámos por remeter esse tipo de contextualização para uma «Tabela Onomástica» de que constam, no final, todos os nomes de pessoas ou lugares que julgámos necessário explicitar. No texto, a primeira ocorrência de cada um desses nomes em cada capítulo aparece seguida de um losango – ♦.

### **O «Glossário»**

Foi ainda o contacto com os alunos que nos levou a elaborar o «Glossário» que incluímos também no final. A língua portuguesa evoluiu mais e mais rapidamente do que, por vezes, se pensa. Mesmo gente culta deixou de entender, sem recurso a dicionários, o significado de termos comuns no tempo em que Eça escreveu. As remissões para o «Glossário», feitas na primeira ocorrência de cada vocábulo em cada um dos capítulos, encontram-se identificadas no texto por um asterisco – \*.

Pelo que ficou dito, depreende-se que a nossa intenção, ao publicar *As Farpas* originais, é dupla: servir a comunidade académica, que se dedica a estudar Eça, e dar aos leitores o prazer de conhecer, na sua pureza, uma obra que, na sua versão posterior, sob a forma de *Uma Campanha Alegre*, além de diferente, nos é oferecida numa edição descuidada.

Maria Filomena Mónica  
Maria José Marinho